



É impossível andar hoje pelo centro de Lisboa sem notar a frenética actividade turística.

O turismo arrisca ser o betão do século XXI?

A euforia que já foi vivida há duas décadas pelo sector da construção está agora a sentir-se no turismo, cujo peso na economia se aproxima dos níveis do betão no passado. Os dois ramos têm características em comum, especialmente no tipo de emprego que tradicionalmente criam.

NUNO AGUIAR
naguaiar@negocios.pt

Se há sector responsável por mais portugueses terem trabalho e pelo bom momento da economia portuguesa é o turismo. Para responder à chegada de cada vez mais visitantes no país — mais de 18 milhões de entradas em 2016 — as empresas estão a produzir e a contratar. O problema é que o tipo de emprego criado está longe

de ser o ideal e uma dependência excessiva da procura externa pode ser arriscada.

No passado, Portugal também dependeu da construção para crescer, com o sector a ter um peso superior a 9% na actividade e mais de 12% da mão-de-obra. Depois da bolha, o sector colapsou. Actualmente, os dois valores estão reduzidos a menos de metade.

O turismo vive hoje a euforia que a construção chegou a atravessar. Transversal a vários sectores, as suas actividades representam hoje mais de 7% da economia nacional e mais de 9% do emprego (ambas em franco crescimento,

com mais de um terço do novo emprego no último ano a vir da hotelaria e da restauração). Arriscamos a que o turismo siga o mesmo caminho da construção?

O que têm em comum

Os dois sectores têm algumas características em comum. “Há uma série de semelhanças. A baixa qualificação dos trabalhadores, a precariedade dos vínculos, quase não haver barreiras à entrada, a sazonalidade do trabalho...”, explica João Cerejeira, professor da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho.

Nuno Teles, investigador do

CES, concorda parcialmente. “A qualidade do emprego de ambos os sectores (precário e mal pago) e a sua dependência deste modelo que deixa pouco lastro na desejável mudança estrutural da economia portuguesa é similar”, sublinha “Em ambos os casos, o crescimento é sobretudo extensivo (fazer mais do mesmo) e não intensivo (fazer mais de novas formas). Historicamente, não é com este tipo de crescimento que as economias se desenvolvem de forma robusta”.

Ainda assim, existem diferenças importantes entre os dois. Embora a bolha da construção tenha sido alimentada a crédito externo e a ma-

chadada final ao sector tenha tido origem na crise financeira internacional, o sector está menos exposto à flutuação da procura externa do que o turismo. Além disso, era um sector muito mais endividado.

“A construção tem um peso muito maior na dívida dos bancos”, refere João Cerejeira. “No turismo [uma bolha] não é tão visível. A construção produz um bem duradouro para décadas. O ajustamento demora mais tempo. Se houver uma quebra da procura externa é mais fácil sair da actividade turística.”

Além das semelhanças, um sector parece estar a alimentar o outro. Teodora Cardoso deixou recente-

37%

EMPREGO

Quase 40% do emprego criado no último ano veio dos sectores da hotelaria e da restauração.

7,1%

ECONOMIA

Os dados mais recentes do INE mostram que o sector do turismo tem um peso superior a 7% na economia portuguesa.

mente esse alerta, avisando não só que o turismo “é uma das componentes mais voláteis da procura externa”, o que a torna vulnerável a mudanças alheias ao país. Além disso, está a contribuir para aumentar o preço do imobiliário. Algo que a presidente do Conselho das Finanças Públicas lembra ter sido uma das causas da crise de 2011. “É preciso grande prudência”, afirmou.

Talvez mais importante do que uma possível quebra de actividade seja a avaliação da qualidade do emprego que o turismo está a criar, com vínculos precários e salários baixos (na hotelaria e na restauração, as remunerações são 18% abaixo da média nacional). Além disso, o maior peso do turismo pode estar a penalizar a produtividade da economia (ver texto ao lado).

Como é habitual, o copo pode ser visto meio-cheio ou meio-vazio. “Ainda bem que o turismo cresceu. Foi uma forma de o desemprego descer mais rápido”, reconhece João Cerejeira. “Mas não melhorou a qualidade do emprego, tanto nos vínculos como na produtividade.” ■

Economia portuguesa chega pouco produtiva ao pós-crise

A transferência de recursos na economia portuguesa para o sector dos serviços - com destaque para as actividades ligadas ao turismo - parece estar a penalizar a produtividade do país.

Sem o forte crescimento do turismo, o desemprego nunca estaria a cair a um ritmo tão veloz. Contudo, é precisamente devido ao engordar de sectores como esse e outros nos serviços que a produtividade nacional está a avançar a um ritmo tão desapontante desde que Portugal escapou à crise.

Essa é a conclusão de um estudo publicado há alguns dias no Barómetro das Crises, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Um dos autores, Nuno Teles, utiliza um modelo do Banco Mundial para avaliar as origens da estagnação da produtividade. As conclusões obrigam-nos a reflectir sobre o caminho que está a ser trilhado pela economia nacional.

“A economia portuguesa no pós-crise assenta sobretudo no crescimento de emprego em sectores tradicionalmente com pouco potencial de produtividade”, explica Nuno Teles ao Negócios, notando que a transferência de recursos para esses ramos de actividade - com destaque para o turismo - está a penalizar a produtividade nacional.

Este modelo de crescimento depende de mais turismo e da criação de “emprego precário com baixos salários”.

Esta ideia não está isenta de polémica. É até contrária a um recente estudo do Banco de Portugal, que concluiu que o problema da produtividade portuguesa estava na evolução do indicador em cada sector e não no peso de cada um na economia.

“Ao contrário do argumentado pelo Banco de Portugal, a mudança verificada na estrutura do emprego não parece configurar uma reafectação de recursos que esteja a promover ganhos de produtividade na economia. A reafectação do emprego presente aparenta indicar, isso sim, uma deslocação de recursos para sectores menos produtivos”, pode ler-se no estudo.

Ou seja, houve uma destruição de emprego em ramos de actividade com elevados níveis de produtividade (como o financeiro) e a criação de postos de trabalho em áreas de produtividade mais baixa (como o comércio, a hotelaria e a restauração).

Este perfil de recuperação acarreta riscos. Se é verdade que “consegue operar o ‘milagre’ de um baixo crescimento económico com elevada criação de emprego”, a sua contribuição depende da continuação do bom momento do turismo e “de elevadas taxas de desemprego que permitam uma continuada criação de emprego em condições precárias e com baixos salários”.

No entanto, entre as notícias preocupantes, Nuno Teles encontra um desenvolvimento prometedor: “A indústria não só tem sido um sector com ganhos de produtividade e criação de emprego, como é um sector onde, graças ao progresso tecnológico, existe um maior potencial para o crescimento da produtividade”, conclui o estudo. ■ **NUNO AGUIAR**

PERGUNTAS A NUNO TELES

Investigador do CES

“Reafectação de recursos teve impacto negativo na produtividade”

O perfil com que a economia portuguesa saiu da crise é menos produtivo?

A economia portuguesa no pós-crise assenta sobretudo no crescimento de emprego nos serviços (comércio, alojamento, restauração e outros serviços de apoio) que são tradicionalmente sectores com pouco potencial de crescimento da produtividade dada a difícil incorporação de inovação tecnológica e organizacional por comparação com outros sectores, como a indústria.

Isso torna a retoma da economia portuguesa potencialmente menos sustentável?

A retoma tem-se baseado num significativo aumento do emprego em Portugal, só possível devido às elevadas taxas de desemprego existentes, sendo a única forma de compatibilizar crescimento com baixo investimento. A retoma parece estar apoiada em sectores que necessitam de pouco investimento e cujo crescimento é sobretudo extensivo e muito dependente de factores conjunturais, seja pelo aumento da procura interna via consumo, seja pela via aumento da procura externa, nomeadamente do turismo. Estes motores podem desaparecer rapidamente por motivos de conjuntura. O nosso trabalho mostra, por sua vez, como a reafectação de recursos na economia portuguesa entre diferentes sectores têm tido um impacto negativo na evolução da produtividade.

Que sectores menos produtivos se estão a destacar?

Parece-nos evidente que o comércio, alojamento, restauração e serviços de apoio empresarial são os que maior contributo têm dado ao crescimento. A construção tem vin-

do também a recuperar, embora com algum desfasamento temporal e, provavelmente, guiada pelos anteriores. A boa novidade é alguma recuperação da indústria, onde cresce o emprego e a produtividade.

Que políticas públicas deveriam ser levadas a cabo para corrigir essa transferência de recursos para sectores menos produtivos?

Toda a política económica é susceptível de fazer essa correcção: da monetária (que sectores beneficiam mais do acesso ao crédito) à orçamental (para onde é dirigido o investimento público), passando pela fiscal (como são taxados os diferentes sectores; por exemplo, o IVA da restauração). É certo que muitos destes instrumentos estão vedados ao Estado português devido às imposições europeias, mas isso não deve ser razão para evitar um debate político sobre a direcção desejável da economia. ■

“

A economia no pós-crise assenta sobretudo no crescimento de emprego em sectores tradicionalmente com pouco potencial de produtividade.

NUNO TELES
Investigador do Observatório sobre as Crises e Alternativas do CES

”